A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

NORVAL BAITELLO JUNIOR
Professor da Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP

Um dia deste memorável ano de mil novecentos e noventa e quatro haverá de entrar para a história das comunicações mundiais como o dia em que "choveu", em alguma parte do planeta, receptores portáteis de rádio. Já faziam parte da história recente chuvas de pacotes de manteiga, no episódio comovente do bloqueio de Berlim, no imediato pós-guerra, denominado poeticamente pelos berlinenses de "bombardeios de uvas-passas". Já se conheciam chuvas de medicamentos, chuvas de víveres e até já se ouviu falar de chuva de roupas contaminadas com vírus de doenças de brancos para dizimar populações indígenas.

Mas chuvas de rádios aconteceram pela primeira vez na história, não aqui, mas no Haiti, por obra de algum genial estrategista de guerra do porte de um von Clausewitz, presenteando antecipadamente a população de um desagregado Haiti com uma dupla carga: por um lado, um presente do mundo industrializado, amostra grátis das maravilhas da tecnologia e da "civilização e do progresso", com todas as conotações vinculadoras de um presente, um prêmio, e por outro, uma fonte de informações, vínculo ainda mais efetivo, dissolvendo resistências, incertezas, medos e outros sentimentos congêneres quanto a uma iminente invasão de seus agentes. A operação comunicativa perfeita conjuga informação não-verbal, performática, sobre a qualidade dos invasores (que dão presentes generosos), com informação verbal sobre a necessidade da invasão, que, segundo a ótica dos invasores, passa a ser uma (também generosa!) acolhida, um agregar. A informação que chega aos acuados e amedrontados haitianos, portanto, duas vezes, pela dádiva e pela palavra (diametralmente oposta àquela que atinge os cubanos), é de que serão finalmente agregados ao "mundo da informação".

AGREGAR E SEGREGAR: UMA DIGRESSÃO

A história que se esconde por detrás das palavras nos traz muitas vezes grandes surpresas. Assim, por exemplo, nas palavras acima – "agregar" e "segregar" – abrigam-se dois conceitos diametralmente opostos, mas um único e misteriosamente indissociável coração, um único âmago, uma só alma. Desde o latim *grex*, *gregis* a língua veio trazendo, ao longo de muitos séculos, as duas palavras (e ainda outras da mesma família, como "gregário" e "congregar"). Mas nos esquecemos, talvez há muito, que o sentido original da palavra latina é exatamente "rebanho". Portanto, nascem do próprio conceito de coletivo as duas operações opostas de agregar, com o sentido de acolher, e de segregar, com o sentido de separar, discriminar, marginalizar. Pode parecer contraditório, mas um rebanho ou um cardume, ou um agrupamento social, portanto, uma sociedade, constitui-se não apenas agregando, mas também segregando. As investigações contemporâneas em diferentes áreas do saber têm procurado compreender melhor este fenômeno, a verdadeira porta de entrada (e saída) dos agrupamentos sociais, o momento em que nascem os códigos da comunicação (um fenômeno de natureza inegavelmente social).

Agregar e segregar constituem portanto as duas mãos de direção de uma operação construtiva que se funda em processos de emissão e captação de sinais, em trocas de informação que vinculam ou desvinculam. E "vincular" significa aqui "ter ou criar um elo simbólico ou material", constituir um espaço comum, a base primeira para a comunicação. Um dos exemplos de investigação sobre os fundamentos constitutivos de associações animais (e suas inegáveis bases comunicativas) é trazido pela etologia.

O cientista do comportamento Irenäus Eibl-Eibesfeldt, em uma comparação entre o homem e os outros animais gregários, afirma a respeito dos agrupamentos: "Em geral esses grupos são fechados, vale dizer: os membros do grupo se conhecem entre si e negam a entrada aos estranhos. A tendência a guardar distância atua contrariamente ao impulso de buscar os seus iguais e a travar um laço de amizade. Também o homem vive nesse campo de tensões entre o amor e o ódio, onde o impulso para travar conhecimento com seus semelhantes e a estabelecer relações amistosas é tão forte que mesmo na guerra as partes beligerantes se intercambiam às vezes cigarros e param de atirar uns nos outros. Quando se dá esta inversão de valores na guerra, fala-se então de uma desmoralização da tropa." (Eibl-Eibesfeldt, 1973:175).

"CAMPO DE TENSÕES ENTRE O AMOR E O ÓDIO": A AMBIVALÊNCIA PRIMORDIAL DA INFORMAÇÃO

Do Campo de Tensões à Informação

Aquilo que o etólogo Eibl-Eibesfeldt detecta, em seus estudos sobre a constituição das sociedades (humanas ou não), como "campo de tensões entre o amor e o ódio" apenas se dissolve na constituição dos chamados "rituais de vínculo", e é este o campo da informação emergente: nesta passagem das tensões para as vinculações transformam-se a incerteza, a instabilidade e a insegurança em *informação*. Segundo Attneave (*apud* Nöth, 1990:142), informação é "that wich removes or reduces uncertainty".

Contudo, demove-se a incerteza, mas sobrevive a sua memória sob as formas da ambivalência, a ambivalência primordial que precede o caminho seguro e regulamentado da informação; o atraente campo da novidade, do misterioso, do desconhecido e da ameaça constitui portanto o preâmbulo para o surgimento dos sistemas de informação, dos códigos da comunicação social. É deste campo de tensões que nasce a informação, que por sua vez viabiliza a geração e a organização das comunidades e das sociedades, complexos organismos compostos de indivíduos vinculados entre si pelos múltiplos laços da comunicação: é a troca da informação que cria aquilo que chamamos de comunicação.

Ritualização das Tensões e Congelamento das Ambivalências

Uma vez que a informação, e com ela a comunicação, nascem de um campo de tensões, de uma situação de incerteza, insegurança e indefinição (tanto que, primordialmente, os vínculos comunicativos têm de ser ritualizados para que lhes sejam aplacados os teores da incerteza), os resquícios desta ambivalência, de onde a informação nasce, tornam-se permanentes. Assim, regulamentam-se os vínculos, criam-se as "ruas" por onde deva circular a informação de mão única, unívoca, nascem os códigos, mas nem por isso apagam-se da memória social (e cultural) as lembranças anteriores, do campo de tensões onde conviviam amor e ódio, vida e morte. Congelam-se, sob a forma de memória, as ambivalências primordiais para as quais Sigmund Freud (1982:227-234) tanto nos chama a atenção: no trabalho do sonho, como nos mais desavisados equívocos cotidianos (os "atos falhos"), nas falas negativas de justificações e esclarecimentos, em tudo isso o "não" também quer dizer "sim" e o "sim", velada negação. O sentido de um pólo não se dissocia de seu oposto.

"Agon", o Jogo de Sedução e a Luta pela Vida

Assim, o "campo de tensões entre o amor e o ódio", que abriga os mais diversos matizes de vinculação entre estes dois pólos extremos – por exemplo, a solidariedade, a simpatia, o companheirismo, a concidadania, a rivalidade, a inveja, a traição, a antipatia e muitos outros –, quando se transforma em espaço comum, comunicativo e comunitário, nem por isso deixa de ser ambivalente e tenso, transformando o espaço da informação em desafio permanente, em constante embate, lúdico sim, porém agônico (no sentido que Roger Caillois, 1990, dá a um tipo de jogo ou brinquedo, o jogo de "agon", a competição que simula a luta constante pela sobrevida). Mesmo a mais acirrada competição, mesmo a guerra, almejando a destruição física de indivíduos para agregar comunidades ou seus bens, exerce um fascínio irresistível sobre aquelas sociedades da informação ritualizada e regulamentada. E quanto mais ritualizada e regulamentada, maior a sedução pelo espírito desafiador de "agon" e sua força desagregadora.

"A DESMORALIZAÇÃO DA TROPA"

Especulam os órgãos da imprensa, chamados "órgãos da informação", que uma possível invasão do Haiti trará ao governo norte-americano e seu representante maior, Bill Clinton, índices mais significativos de popularidade. É necessária a criação de novos conflitos, desafios e incertezas. Novos conflitos geram novas informações. A informação nova alimenta as relações comunicativas e, portanto, os vínculos simbólicos dentro de uma comunidade. E a impopularidade, baixa aceitação, internamente a uma comunidade onde a informação é eficientemente regulamentada é indício de desgaste nas suas relações comunicacionais, nas amarras simbólicas que mantêm "o moral da tropa".

Quando as relações comunicativas se encontram enrijecidas pela excessiva regulamentação ou por algum tipo de ritualismo imobilista (exemplos: censuras, interdições, burocracias, cerceamentos simbólicos, ideológicos ou religiosos), morrem as ambivalências, sucumbe o fundamento da informação. Aí torna-se necessário buscar fora o desafio, a incerteza. Sobretudo quando o Haiti é logo ali.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATTNEAVE, F. *Applications of Information Theory to Psychology*. New York, Holt, 1959.

CAILLOIS, R. *Os Jogos e os Homens*. Lisboa, Cotovia, 1990.

EIBL-EIBESFELDT, I. *El hombre preprogramado*. 4ª ed. Madrid, Alianza, 1983.

FREUD, S. *Studienausgabe, Bd.IV. Psychologische Schriften*. Frankfurt/Main, Fischer, 1982.

NÖTH, W. *Handbook of Semiotics*. Bloomington, Indiana Univ. Press, 1990.